

# A CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO DOS POVOADOS DO 4<sup>o</sup>/3<sup>o</sup> MILÉNIO A.N.E. DE SÃO PEDRO (REDONDO, ALENTEJO CENTRAL)

Recebido: 11 de Fevereiro de 2019 | Aprovado: 18 de Fevereiro de 2019

## Catarina Costeira<sup>1</sup>

Arqueóloga | Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

## Rui Mataloto<sup>2</sup>

Arqueólogo Município de Redondo

### Resumo

O sítio arqueológico de São Pedro (Redondo, Alentejo), ocupado entre os finais do 4<sup>o</sup> e grande parte do 3<sup>o</sup> milénio a.n.e. apresenta um amplo conjunto de recipientes cerâmicos com características morfo-tipológicas, métricas e tecnológicas muito diversificadas. Este trabalho centra-se nas técnicas de tratamento de superfície dos recipientes cerâmicos, mais concretamente na aplicação de engobes e aguadas de tonalidade vermelha.

Com esta reflexão pretendemos valorizar o sentido estético e simbólico da cor vermelha na cultura material das comunidades do Neolítico final / Calcolítico no Sudoeste peninsular, uma vez que se trata de um tema pouco abordado nos trabalhos arqueológicos mais recentes.

**Palavras-chave:** Engobe/Aguada vermelha; cor vermelha; cerâmica; Neolítico final/Calcolítico; Sudoeste peninsular.

### Abstract

The archaeological site of São Pedro (Redondo, Alentejo), occupied between the end of the 4th and most of the 3rd millennium BCE presents a wide set of ceramic containers with diversified morphological, metric and technological characteristics. This paper focuses on the techniques of surface treatment of ceramic containers, more concretely in the application of engobes and washes of red hue.

With this reflection we intend to value the aesthetic and symbolic meaning of the red color in the material culture of the Late Neolithic / Chalcolithic communities in the peninsular Southwest, since it is a topic that has not been approached in the most recent archaeological works.

**Key-words:** Red engobes and washes; red color; pottery; Late Neolithic/Chalcolithic; Southwest Iberia.

[https://doi.org/10.14195/2182-844X\\_6\\_8](https://doi.org/10.14195/2182-844X_6_8)

---

<sup>1</sup> [catarinacosteira@gmail.com](mailto:catarinacosteira@gmail.com)

<sup>2</sup> [rmataloto@gmail.com](mailto:rmataloto@gmail.com)

*“Este cálice é a nova Aliança no meu sangue;  
todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em  
memória de Mim”.*

**São Paulo**

[Primeira Epístola aos Coríntios II, 23-25]

## I. Introdução: o Passado a Cores

Existe uma enorme dificuldade na análise da cor na Pré-História, devido à escassez de indícios conservados. No entanto, a cor faria parte do quotidiano, quer através da indumentária, como nos indicam os raros tecidos conservados, como por exemplo o pano de *Belle France*, branco, com uma faixa pintada de cor vermelha obtida da garança (Soares *et al.*, 2018, 74), quer pela presença de adornos pessoais em cores diversas muitas delas fortes, como os pendentos e as contas de pedra verde ou mesmo de âmbar, mais alaranjado. Assim, estes elementos evidenciam que a cor poderá (deverá?) ter desempenhado durante a Pré-História um papel bastante mais relevante que aquele que lhe conseguimos atribuir hoje, deixando-nos a diversidade de motivos e cores, como o vermelho, negro, branco, e mais raramente amarelo, documentado na decoração dos esteios de alguns monumentos, ou na arte rupestre, entender uma realidade certamente mais rica e diversa. A entrada do metal no quotidiano poderá ter ajudado a diversificar as tonalidades disponíveis, ampliando o brilho, mais que a cor em si, como um elemento determinante.

Creemos então que a cor adornaria a paisagem humana, quer através da indumentária e da pintura corporal, quer através dos suportes verticais que constituiriam as casas ou as

muralhas dos povoados cercados, de altura ou de planície e das estruturas funerárias.

Nos finais do 4º milénio a.n.e a concepção cromática da Paisagem, e da intervenção humana na mesma, teve o seu reflexo na construção de “mamoas negras”, contrastantes com os solões esbranquiçados dos granitos envolventes, como acontece em diversos casos na margem Sul da Serra d’Ossa. No mesmo sentido pode contribuir a própria escolha da matéria-prima com que se edificaram os monumentos, tanto a partir da cor dos esteios das antas, cuja análise cromática carece ainda de análise, quer em outro tipo de monumentos funerários pré-históricos, como os *tholoi*, como fica bem patente no contraste cromático criado com o uso de xisto e do calcário local no monumento 7 de Alcalar, com uma mamoa e uma cobertura do corredor em calcário e um “kerb” e câmara em xisto (Morán e Parreira, 2004).

A cor e os símbolos inerentes à mesma deverão ter desempenhado um papel relevante durante a Pré-História, pelo que se pretende aqui fazer uma chamada de atenção a este facto, porque o assumimos como tal, e no caso concreto deste trabalho destacamos o valor simbólico da tonalidade vermelha, através do estudo dos recipientes com engobe vermelho do povoado de São Pedro (Redondo), integrados numa longa tradição e dimensão simbólica da cor.

Efectivamente, como nos indicam alguns autores, os designados “objectos-cor”, como os que aqui tratamos, indicam

*“an overall continuity of aesthetic appreciation and therefore political significance at the millennial timescale”* (Gaydarska e Chapman, 2008: 65)

claramente enraizado numa tradição ancestral. A própria existência destes “objectos-cor” e a sua interacção com outros

*“led to the development of an overall system of colour symbolism which gave meaning to the prehistoric world”* (Gaydarska e Chapman, 2008: 65).

A análise linguística de algumas designações de cor em línguas antigas deixa entrever que a construção da abstracção que a designação da mesma representa nasce da associação de determinadas cores a objectos ou elementos conhecidos (Warburton, 2014), transferindo de alguma forma o valor simbólico dos mesmos para a sua aplicação em outros objectos, algo que se exemplifica facilmente com a expressão “dourado” com a sua associação ao ouro.

Ao partilharmos esta leitura do Passado, onde a existência de cor decorre, e ao mesmo tempo impõe, o desenvolvimento de um sistema de valoração simbólica da mesma, pois apenas assim ela seria reconhecida, pretendemos apresentar e analisar um conjunto de “objectos-cor” cerâmicos no qual houve o cuidado de adicionar um revestimento a cor vermelha. Por fim, cremos ainda relevante assinalar que o desenvolvimento de um sistema de valorização simbólica da cor não impõe que esta tivesse sido entendida como os múltiplos “Pantone” actuais, ou seja, cremos que estamos apenas a dar os primeiros passos no entendimento da Cor e do sistema de valores inerentes, certamente muito diferentes dos actuais, mas que importa começar a entender para melhor percepcionarmos um Passado que certamente não foi a preto e branco...

## II. O Sítio de São Pedro – Localização e Intervenções Arqueológicas

O sítio de S. Pedro localiza-se no Alentejo Central, distrito de Évora, freguesia e concelho de Redondo, num cerro destacado de vertentes íngremes e topo aplanado, que se elevava na margem Nascente da planície central de Redondo, adjacente à aba Sul da Serra d’Ossa.

Entre 2004 e 2009 desenrolou-se um extenso programa de escavação prévio à construção da circular externa de Redondo, que exigiu a escavação e desmantelamento integral de grande parte do sítio arqueológico. Ao longo dos últimos 10 anos, tem-se desenrolado um extenso processo de investigação sobre as recolhas e registos efectuados, sendo já longa a lista de estudos desenvolvidos sobre a sequência de ocupação do sítio, baseados essencialmente nos resultados das primeiras campanhas de escavação (Mataloto, Estrela e Alves, 2007; 2009; Mataloto, 2010; Mataloto e Gauss, no prelo), contextos específicos (Mataloto, Costeira e Roque, 2015), sobre os recursos (Mataloto, Costeira e Nukushina, 2017), faunas (Davis e Mataloto, 2012), metalurgia (Gauss, 2008; Vidigal *et al.*, 2016; Valério *et al.*, 2016), artefactos cerâmicos e líticos (Costeira, 2010; 2012; 2015; 2017b; Costeira, Mataloto e Roque, 2013; Costeira e Mataloto, 2013, 2016, 2018a; 2018b; Costeira e Luís, 2016; Mataloto e Costeira, 2016; Mataloto, Nukushina e Costeira, 2017a; Nukushina *et al.*, 2018; Odriozola *et al.*, 2012), alguns dos quais integrados num projecto de doutoramento desenvolvido, apresentado e defendido por um de nós (Costeira, 2017a).

Deste modo, e remetendo para esta bibliografia, cremos ser pertinente apenas um breve apontamento sobre a sequência de ocupações pré-históricas documentadas no local.

### III. Os Povoados de São Pedro: a Arquitectura e o Tempo

Os trabalhos de escavação permitiram recuperar os vestígios estruturais e artefactuais de cinco grandes momentos de ocupação pré-histórica, que se terão desenrolado entre o final do 4º Milénio e grande parte do 3º. Milénio a.n.e. no topo do cabeço de São Pedro. Esta cronologia tem vindo a ser corroborada por várias datações, que se encontram já disponíveis (Mataloto e Boaventura, 2009, 37; Valério *et al.*, 2016).

De facto, não interpretamos o sítio como um povoado único, com uma história linear de fundação, expansão, declínio e abandono, mas como uma multiplicidade de povoados com dimensões,

arquitecturas e tempos diferentes. Duas destas ocupações (fase II e IV) caracterizam-se pela construção e utilização de estruturas de fortificação, que marcam a análise da História da ocupação do cabeço de São Pedro. O faseamento proposto decorre, essencialmente, dos actos de construção, reconstrução e abandono das grandes estruturas de fortificação do sítio (Cf.

Fig. 1).

A primeira fase de ocupação do cabeço de São Pedro ter-se-á desenvolvido entre os finais do 4º e os inícios do 3º milénio a.n.e., não tendo sido identificada

qualquer estrutura de delimitação. A visibilidade arquitectónica e artefactual desta fase é fortemente condicionada pelo dinamismo das ocupações posteriores, que limitaram bastante o seu grau de preservação. Os seus principais indícios são depósitos arqueológicos e estruturas negativas sob a primeira fortificação, a que se associa um conjunto cerâmico em que predominam as formas esféricas e globulares lisas, algumas com elementos mamilares, e as taças carenadas, sendo diminutas as formas espessadas e os pratos, características típicas dos sítios com ocupações desta cronologia no Alentejo Central (Calado, 2001; Mataloto, 2010; Costeira, 2017a).

Esta primeira ocupação aberta termina, segundo

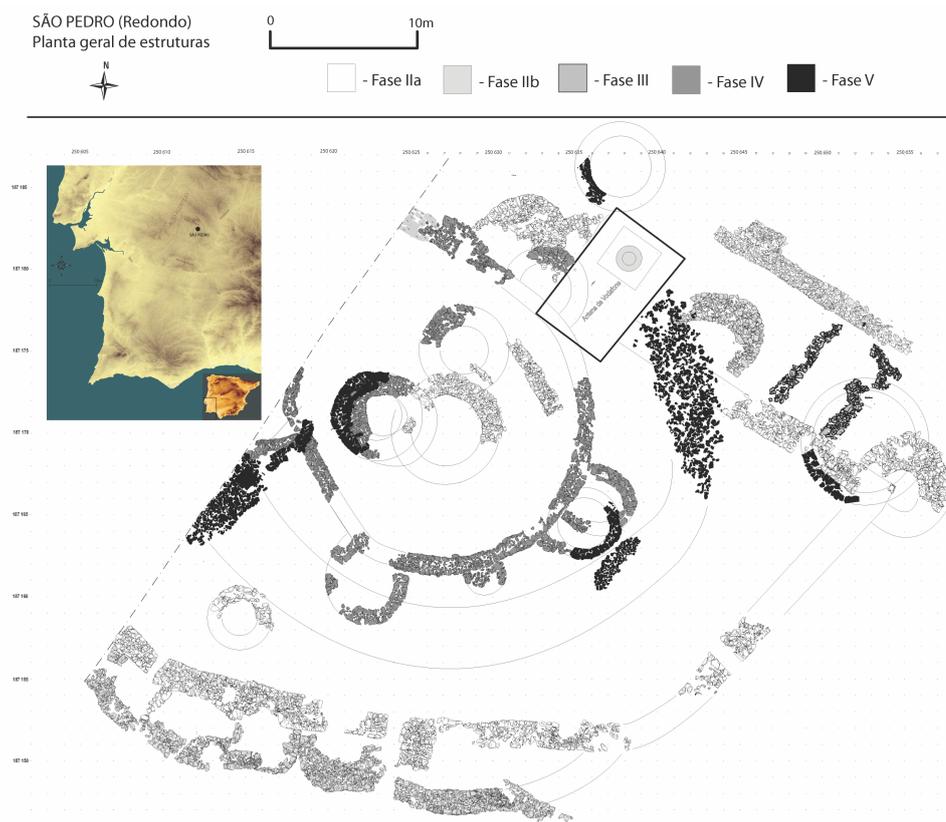


Fig. 1 - Localização do sítio de São Pedro no sudoeste peninsular e planta geral do faseamento das estruturas dos povoados de São Pedro.

cremos, durante o primeiro quartel do 3º milénio a.n.e., quando se documenta a construção de uma ampla estrutura pétreo de fortificação que marca a primeira grande transformação

arquitectónica e espacial do sítio. A construção, utilização com diversas transformações e remodelações, e abandono da primeira fortificação do sítio de S. Pedro deverá ter-se desenrolado entre os finais do 1º quartel e inícios do 2º quartel do 3º milénio a.n.e. (Mataloto e Boaventura, 2009; Mataloto e Gauss, no prelo).

Esta primeira fortificação, correspondente à Fase II apresenta uma planta poligonal, aproximadamente trapezoidal, delimitando um espaço de cerca de 800 m<sup>2</sup>, composta por cinco tramos de muralha, rectilíneos, com cerca de 10 metros de comprimento cada, por 2 metros de largura, constituídos por lajes de xisto de calibre diverso e blocos de quartzo e granito, que apresentavam adossados pelo exterior, diversos bastiões semicirculares maciços e outros ocós.

No interior do espaço cercado registaram-se duas grandes estruturas de planta circular, uma em posição central, com espessos embasamentos de pedra de xisto de calibre diverso, que deveriam desenvolver-se em altura, a modo de torres. As ligações com o exterior são mal conhecidas, mas deveriam processar-se nas interrupções existentes entre os vários tramos da fortificação, as quais eram fechadas ou protegidas pela presença de bastiões ocós.

O espaço interior constituiu o cerne da área habitacional utilizada no cerro, como o deixam entender os muitos indícios sobre a presença de estruturas em materiais perecíveis (buracos de poste, estruturados por lajes de xisto, e revestimentos em barro cozido com marcas de ramagens).

A estrutura de fortificação da fase II conheceu múltiplos momentos de remodelação e transformação que não conduziram a uma mudança profunda da arquitectura e estruturação do espaço muralhado.

A par dos vestígios destas estruturas, a identificação de um conjunto artefactual muito vasto e diversificado, principalmente no que se refere às categorias de elementos cerâmicos e líticos, bem como ao seu elevado estado de fragmentação, permite defender que o espaço delimitado foi utilizado para a vivência quotidiana prolongada de uma comunidade humana relativamente estável e alargada (Mataloto, 2010, 279; Costeira, 2017a).

Esta ampla estrutura fortificada terá sido desactivada ainda antes dos meados do 3.º milénio a.n.e., sendo mais uma vez difícil de aferir se ocorreu um abandono efectivo do cabeço de São Pedro ou se a sua ocupação continuou com a mutação arquitectónica e a reformulação espacial.

Na análise da sequência estratigráfica do cabeço de São Pedro identificam-se poucos indícios de uma ocupação posterior ao abandono e desmantelamento das estruturas do primeiro povoado fortificado, cujos alicerces e elementos pétreos reaproveita, mas anterior aos níveis de ocupação da segunda fortificação. As principais evidências da Fase III, ligeiramente anterior a meados do milénio, consistem em algumas estruturas negativas, diversos buracos de poste estruturados e de uma estrutura de planta rectangular com embasamento de xisto, localizando-se principalmente na vertente norte. A Fase IV, genericamente enquadrável nos meados do 3º milénio a.n.e., caracteriza-se pela construção de uma pequena estrutura de fortificação, de planta subcircular e com cerca de 300m<sup>2</sup> de área interior, dotada de um conjunto de bastiões ocós semicirculares. A sua edificação provocou evidentes transformações da topografia do sítio, conduzindo a importantes terraplanagens e consequentes ablações da estratigrafia anterior, especialmente na área

central e vertente norte. No interior da área cercada localizaram-se duas grandes estruturas de planta circular, de paredes espessas e cerca de 6m de diâmetro máximo, podendo ser consideradas torres, em cujo interior se desenvolveram actividades de cariz habitacional. A presença destas duas estruturas de grandes dimensões restringia amplamente o espaço interior, desenvolvendo-se, por isso, a área habitacional e de actividade principalmente no exterior da fortificação, atendendo ao elevado número de vestígios de construções em materiais perecíveis aí documentado.

Em meados do 3.º milénio a.n.e, esta fortificação terá sido desactivada, sem que se registem indícios de abandono violento ou repentino.

Após o abandono da fortificação da Fase IV desenrola-se, provavelmente durante o terceiro quartel do 3.º milénio a.n.e., a última ocupação do cabeço de São Pedro (fase V), que se pode subdividir em dois momentos distintos. O primeiro caracteriza-se pela presença de várias cabanas de planta circular com embasamento pétreo, com cerca de 4 m de diâmetro, que se encontram dispersas pela área intervencionada. Uma destas estruturas destaca-se das restantes pela sua robustez e dimensões (cerca de 6 m de diâmetro exterior) e por se localizar numa área central, sobrepondo-se aos derrubes das torres centrais dos anteriores povoados fortificados, o que lhe parece conferir algum destaque na estruturação do espaço (Mataloto, Costeira e Roque, 2015). O conjunto artefactual associado a esta ocupação do cabeço de São Pedro apresenta características típicas das ocupações do final do 3.º milénio a.n.e., com a presença de um pequeno conjunto de cerâmica campaniforme incisa (Mataloto, Costeira e Roque, 2015; Costeira, 2017a).

No segundo momento desta fase, após o abandono das cabanas, construiu-se uma estrutura pétreo, de morfologia circular, que parecia acompanhar o traçado da última muralha. A edificação desta estrutura poderá ter um significado simbólico, de selar e/ou evidenciar um espaço que deixou de ser habitado (Mataloto, 2010).

A forte dinâmica de construção, utilização e desactivação das estruturas domésticas e de fortificação do cabeço de São Pedro condiciona todo o processo de formação da realidade estratigráfica, impondo a raridade dos contextos primários de rejeição e a dificuldade na identificação de deposições intencionais de materiais. Este dinamismo condicionou bastante o estado de conservação do conjunto material, nomeadamente dos recipientes cerâmicos, que submetido a intensas remobilizações, se apresenta largamente fragmentado, parcelar e disperso.

Ao longo do 3.º milénio a.n.e. registaram-se transformações arquitectónicas e estruturais nos povoados de São Pedro, bem como modificações no conjunto artefactual, nomeadamente nos componentes de tear (Costeira, 2010, Costeira e Mataloto, 2013; Costeira e Mataloto, 2018b) e nos recipientes em cerâmica (Costeira, Mataloto e Roque, 2013; Mataloto, Costeira e Roque, 2015; Costeira, 2017a) ao nível tecnológico, morfológico e decorativo, o que evidencia inovações técnicas, diferentes necessidades funcionais e mudanças nos hábitos culturais. A constatação destas transformações, nem sempre quantitativamente significativas, face às características perenes, exigem uma interpretação mais dinâmica das comunidades que viveram no cabeço de São Pedro. Na análise dos tratamentos e coloração das superfícies dos

recipientes cerâmicos procuraremos evidenciar as suas transformações ao longo da diacronia.

#### IV. Os Recipientes Cerâmicos do Sítio de São Pedro: Breve Caracterização

O conjunto de recipientes cerâmicos provenientes do sítio de São Pedro é muito amplo em termos quantitativos, tendo sido analisados cerca de 10.115 fragmentos classificáveis e 27 recipientes completos ou com forma totalmente reconstituída (Costeira, 2017a: 156). Estes números evidenciam o elevado estado de fragmentação destes materiais e a dificuldade na realização de colagens e reconstituições totais, o que condiciona a sua análise morfométrica.

Em termos globais, identifica-se uma clara preponderância das formas simples com base na esfera, que correspondem a 76% (7687 fragmentos) do conjunto e uma presença residual das formas compósitas (carenadas), que representam apenas 2% (233 fragmentos). No que se refere à orientação dos recipientes regista-se um claro destaque das formas abertas, com 4907 registos (48,4%), face às formas fechadas, com 2886 registos (28,4%).

As formas abertas simples foram organizadas em dois tipos, pratos e taças, com múltiplas variantes, tendo como principais elementos distintivos as características do bordo. Em termos quantitativos as taças representam 49,5%, sobrepondo-se claramente aos pratos (8%) e constituindo o tipo mais expressivo de todo o conjunto de recipientes cerâmicos. No grupo das formas fechadas simples, os vasos constituem o tipo maioritário, representando 27% de todo o conjunto, enquanto os potes têm uma presença muito diminuta, de apenas 1,1%. Nas formas compósitas é mais complexa a seriação

tipológica, porque na maioria dos fragmentos analisados apenas se conservou a carena, impedindo a sua orientação. Nos casos em que é possível a classificação tipológica, regista-se uma certa preponderância das taças carenadas (0,8%) face aos vasos carenados (0,3%) e aos pratos carenados (0,04%).

Estes valores globais registados no sítio de São Pedro aproximam-se dos dados referidos por Manuel Calado para a Serra d'Ossa, em que as formas abertas (pratos e taças) apresentam percentagens próximas ou superiores a 50% e as formas fechadas valores menos significativos, evidenciando-se uma grande discrepância entre os vasos e os potes, com o segundo tipo a ter uma expressão completamente residual (Calado, 2001: 90). A análise dos dados gerais do Porto das Carretas permite identificar a mesma tendência de predomínio das formas abertas, com as taças (forma 3 e 5) a registarem maior destaque do que os pratos (forma 1 e 2) e as formas fechadas (forma 6, 7, 8, 9 e 10) a evidenciar uma percentagem (27,5%) muito semelhante ao sítio de São Pedro, com os potes a apresentar uma expressão mínima (Soares, 2013: 280, Cf. fig. 192).

As diferenças quantitativas entre as formas fechadas e as formas abertas reflectem uma variação cronológica, com as primeiras a dominarem os conjuntos mais antigos do Neolítico final/Calcolítico inicial e as segundas a ganharem maior destaque ao longo do 3.º milénio a.n.e.

Na análise global das características morfológicas do bordo e do lábio dos recipientes cerâmicos regista-se um predomínio dos bordos direitos e lábios convexos em todos os tipos, ao longo da diacronia de ocupação do sítio de São Pedro. As restantes categorias de orientação do bordo

registam valores mais reduzidos, verificando-se uma certa diferenciação cronológica, uma vez que os bordos exvertidos são maioritários nas fases II e IV e os introvertidos ganham relevância na fase V.

Os lábios aplanados são tendencialmente mais expressivos nas fases I/II, acompanhando a maior percentagem de bordos espessados. Com efeito, o espessamento do bordo das formas abertas e fechadas, principalmente nas suas variantes mais largas, constituem uma característica marcante do conjunto artefactual da fase II. Assim, no início do 3.º milénio a.n.e. regista-se uma maior versatilidade métrica de espessuras do bordo, permitindo aumentar a diversidade de perfis dos recipientes, assemelhando-se de certa forma ao papel morfológicamente mais dinâmico que as carenas desempenhavam anteriormente.

A redução das carenas nos conjuntos cerâmicos do 3.º milénio a.n.e. é interpretada como uma certa “simplificação” do corpo do recipiente, mas não constitui uma maior monotonia morfológica, uma vez que a diferenciação ao nível do bordo garante uma grande diversidade de possibilidades estilísticas, tornando-se um elemento marcante do repertório cerâmico do Sudoeste calcolítico. A partir da fase IV, a variabilidade métrica da espessura do bordo diminui, sendo acompanhada pela diminuição significativa das carenas, que quando identificadas apresentam características diferentes das observadas nas peças da fase I/II.

No que se refere às dimensões, os recipientes abertos e fechados apresentam uma grande variabilidade ao longo de toda a diacronia. Porém, os recipientes com maiores diâmetros concentram-se na fase II, que consiste na ocupação de maiores dimensões em termos

espaciais, maior robustez arquitectónica e provavelmente com maior número de indivíduos, ao contrário das ocupações posteriores. Assim, a maior dimensão dos recipientes poderá estar associada à maior dimensão do grupo, contudo também poderá traduzir hábitos de socialização específicos, principalmente no que se refere ao consumo de alimentos. Deste modo, a preponderância de recipientes abertos de grandes dimensões poderá associar-se a hábitos de consumo colectivo em contextos quotidianos e/ou mais diferenciados, enquanto os recipientes de pequena e média dimensão, mais frequentes a partir da fase IV, poderão indicar hábitos de consumo mais restritos e individualizados (Sánchez Romero e Aranda Jiménez, 2008: 81).

A diversidade de espessuras é acentuada ao longo de toda a diacronia de ocupação, ajustando-se às características morfológicas e funcionais globais dos recipientes. Os recipientes de paredes finas ocorrem nas várias fases de ocupação, em proporções semelhantes, não sendo exclusivos ou mais expressivos na fase V. Assim, estes dados exigem um outro olhar sobre os hábitos de comensalidade, principalmente relacionados com o consumo de líquidos diferenciados, ao longo do 3.º milénio a.n.e., uma vez que escasseiam as análises de conteúdos de recipientes de paredes finas provenientes de contextos anteriores ao campaniforme.

Os processos tecnológicos de produção de recipientes cerâmicos apresentam, ao longo da diacronia de ocupação do sítio de São Pedro, etapas mais normalizadas e outras susceptíveis de maior diversidade. Na sua globalidade, as pastas e as cozeduras apresentam menores variações ao longo da diacronia, por constituírem etapas estratégicas e mais difíceis de controlar, enquanto as técnicas de modelação e os tratamentos de superfície registam uma maior

versatilidade, ainda que seguindo normas sociais concretas.

A maioria dos recipientes cerâmicos apresentam pastas de matriz granítica, certamente extraídos de barreiros locais, compactas, homogêneas, depuradas, com frequentes componentes não plásticos de pequena e média dimensão. A variabilidade e irregularidade dos tipos de cozedura, com certo predomínio de cozeduras redutoras, registam-se ao longo de todas as fases de ocupação, o que poderá indicar a manutenção de estruturas de combustão pouco especializadas e versáteis. Contudo, alguns recipientes com maior regularidade na coloração das superfícies, pastas muito compactas, finas, por vezes com decorações, como os que se registam nas fases IV e V poderão estar associados a atmosferas de cozedura mais controladas e reguladas.

Os elementos plásticos constituem uma marca estilística dos vários tipos de recipientes cerâmicos do Sudoeste peninsular no Calcolítico, registando uma grande diversidade morfológica e métrica ao longo das várias fases de ocupação, mas com maior destaque quantitativo nas fases I e II.

A decoração dos recipientes cerâmicos, ainda que globalmente diminuta, é quantitativamente mais expressiva nas fases I/II (47%), não apresentando discrepâncias significativas em termos espaciais (Costeira, 2017a: 232). As taças e os vasos constituem os tipos de recipientes mais utilizados como suporte decorativo ao longo de toda a diacronia. Nas ocupações associadas ao início do 3.º milénio a.n.e. regista-se uma maior diversidade nas técnicas e motivos decorativos, ao contrário da segunda metade do milénio, em que a normalização decorativa se torna mais acentuada, com a generalização dos motivos

geométricos de maior alcance geográfico e com conteúdos simbólicos mais abrangentes.

A tradição da produção cerâmica, apesar de fortemente interiorizada, estável e conservadora, permite a expressão mais individualizada e inovadora em algumas características dos artefactos, que tendo um grande potencial visual não afectam as suas componentes estruturais e funcionais, respeitando as normas estilísticas da comunidade, mas consentindo uma maior dinâmica na reprodução artefactual (Kohring, 2012). As inovações tecnológicas, morfológicas, métricas e decorativas dos recipientes do quotidiano também se associam a transformações sociais e culturais mais amplas, nem sempre fáceis de reconstruir arqueologicamente (Sánchez Romero e Aranda, Jimenez 2008: 75).

No conjunto de recipientes do sítio de São Pedro, enquadrado maioritariamente no 3.º milénio a.n.e., identificam-se elementos de longa duração, que se alicerçam numa tradição neolítica anterior, a que se associam elementos novos, como é visível com a convivência de taças carenadas e dos pratos de bordo espessado, com algumas peças a evidenciar mesmo traços híbridos, resultado da combinação de diferentes processos tecnológicos. Assim, na primeira metade do 3.º milénio a.n.e. regista-se uma maior diversidade nas características dos recipientes cerâmicos, associadas a transformações culturais sem rupturas abruptas. Com o avançar do milénio (fase IV e V), os elementos “calcolíticos” tornam-se mais preponderantes, registando-se uma maior normalização artefactual, o que pode estar associado a transformações sociais mais acentuadas, em que os grupos diminuem a sua dimensão, mas aumentam a sua coesão e estruturação, ainda que os indícios de diferenciação se encontrem pouco formalizados

nos espaços quotidianos do cabeço de São Pedro, o que é comum a outros povoados. Estas transformações são particularmente evidentes na decoração dos recipientes, uma vez que a sua variabilidade diminuiu, associando-se a padrões usualmente conectados com a esfera simbólico-religiosa, indicando que os motivos ornamentais se tornam menos identitários em si, mas com maior valor simbólico diferenciado para o grupo (Costeira, Mataloto e Roque, 2013). Assim, a identidade do grupo parece tornar-se mais coesa, diluindo-se os elementos diversificados, e com uma maior capacidade de mobilidade e contacto com outras realidades.



Fig. 2 - Cerâmicas com engobe ou aguada vermelha recolhidas no sítio de São Pedro.

## V. Os Recipientes com Aguadas e Engobes Vermelhos

No conjunto total de recipientes analisados identificaram-se cinco técnicas de tratamento das superfícies internas e externas. A maioria das superfícies internas (85,9%) e externas (73,9%) dos recipientes foram alisadas, tendo por isso um aspecto uniforme mas sem brilho. Esta técnica

de tratamento das superfícies é preponderante em todos os tipos de recipientes ao longo de toda a diacronia de ocupação deste sítio arqueológico, o que se assemelha à maioria dos contextos calcolíticos do Sudoeste (Valera, 2013a; Soares, 2013; Kohring, 2013). As superfícies internas e externas rugosas surgem como o segundo grupo mais representativo, com 10,1% e 23%, respectivamente. A rugosidade é mais acentuada nas superfícies externas, o que pode resultar de uma acção intencional, mas também da utilização do recipiente e/ou erosão dos fragmentos.

O polimento das superfícies internas e externas, que lhes confere um aspecto uniforme e brilhante, ocorre respectivamente em 94 (0,9%) e 104 (1%) peças, com claro predomínio dos recipientes tipo taça e vaso, sendo portanto vestigial no sítio.

As superfícies de alguns destes recipientes apresentam uma película argilosa espessa de tonalidade avermelhada, que consideramos tratar-se da aplicação de engobe. Nas superfícies em que esta película é mais suave e a tonalidade vermelha menos intensa classificámos como aguada (Cf. Fig. 2). A diversidade de revestimentos vermelhos também é proposta por Encarnación Rivero Galán (1985) no estudo das cerâmicas almagra da Andaluzia.

Estes revestimentos de cor vermelha poderiam ser elaborados com diferentes fundentes ou óxidos, como o ocre ou o cinábrio, informação que só se conseguirá obter com análises mais detalhadas. Para alguns contextos da Europa Oriental (Sérvia) de cronologia neolítica identificou-se a presença de cinábrio nos revestimentos de alguns recipientes cerâmicos (Gajić-Kvaščev *et al.*, 2012). Estes tratamentos poderiam ser aplicados antes ou após a cozedura

(o que poderia condicionar as características da coloração), estando por vezes associados a alisamentos intensos ou mesmo ao polimento que tornava a superfície mais brilhante, salientando a tonalidade vermelha.

Em termos globais registaram-se 59 fragmentos de recipientes com engobes vermelhos e 102 com aguadas vermelhas (Cf. Fig. 3). O engobe era aplicado maioritariamente nas duas superfícies do recipiente, registando-se alguns casos em que este tratamento ocorre exclusivamente na superfície interna ou na externa. No caso das aguadas vermelhas, a maioria dos exemplares apresentava esta aplicação apenas na superfície interna, mas registando-se também a aplicação de aguada vermelha nas duas superfícies ou apenas na superfície externa.

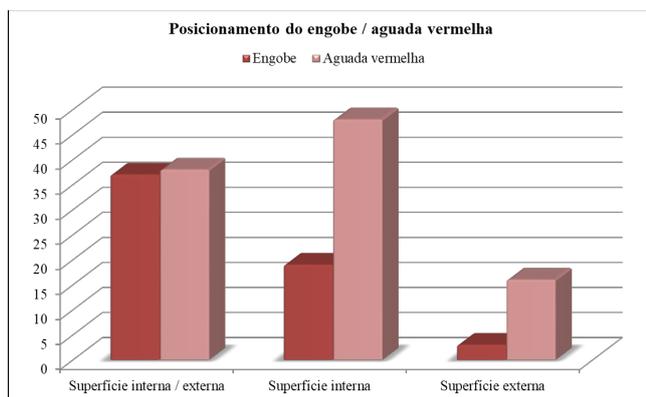


Fig. 3 - Posicionamento da aplicação de aguada/engobe vermelho nas superfícies dos recipientes cerâmicos.

As peças com engobe e aguada vermelha encontram-se muito fragmentadas, correspondendo 85 a bojos, que não permitem classificação morfológica e 75 a fragmentos de bordo. Nos casos em que foi possível identificar a forma dos recipientes, observa-se um predomínio da aplicação destes tratamentos de superfície nas formas abertas, em relação às formas fechadas e um pequeno conjunto de formas carenadas.

No conjunto das formas abertas, as taças, principalmente as variantes de bordo espessado destacam-se na aplicação de engobe e aguada vermelha (Cf. Fig. 4). No caso da aguada regista-se a sua aplicação na superfície interna de um pequeno conjunto (6) de pratos de bordo almendrado. Em termos métricos estes

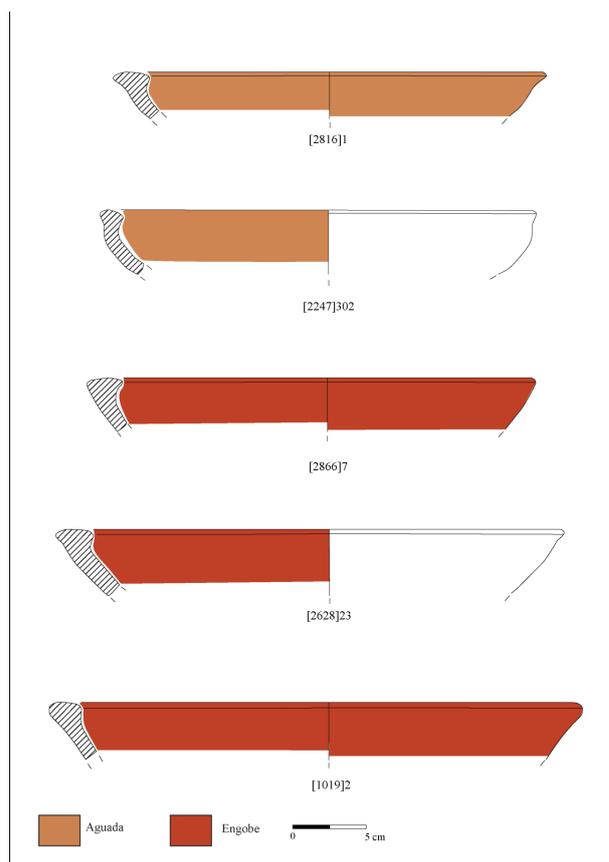


Fig. 4 - Recipientes de morfologia aberta e bordo espessado com as superfícies revestidas com aguada ou engobe vermelho.

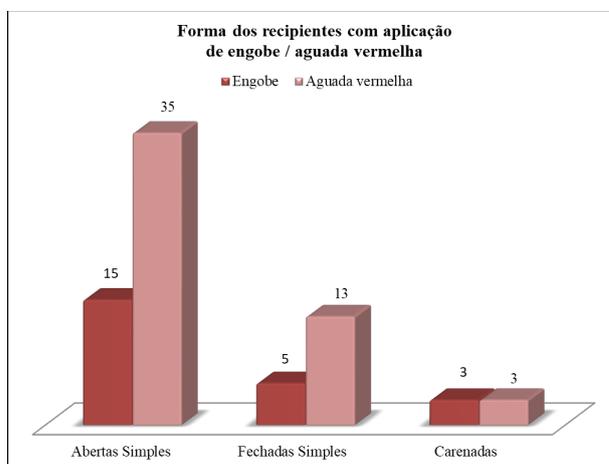


Fig. 5 - Forma dos recipientes com as superfícies revestidas com aguada/engobe vermelho.

recipientes apresentam diâmetros entre 12 e 60 cm (Cf. Fig. 4 e 5).

A maior de formas permite associar os recipientes com estes tratamentos de superfície a funções relacionadas com a disposição e consumo de conteúdos. A variabilidade métrica destes recipientes poderia ajustar-se a variadas escalas de consumo, com a utilização individual de recipientes de menores dimensões e o uso colectivo dos de maiores dimensões (Cf. Fig. 6 e 7).

A maioria dos recipientes que apresentam estes tratamentos de superfície não apresenta decoração. Contudo registam-se cinco casos em que as aguadas vermelhas se associam a motivos decorativos variados (linhas incisadas, triângulos incisivos preenchidos por pontos, caneluras formando grinaldas), contribuindo para o seu destaque (Cf. Fig. 2).

Os fragmentos de recipientes com engobe e aguadas vermelhas, na sua grande maioria de reduzidas dimensões, surgem normalmente isolados, em unidades estratigráficas localizadas nos vários sectores de escavação (Cf. Fig. 8).

Os contextos em que se identificam estes materiais são assim quase exclusivamente de rejeição e remobilização, sem que tenha sido possível documentar contextos de abandono com fragmentação *in situ* destes recipientes.

O faseamento das unidades estratigráficas de proveniência de engobe/aguada vermelha, ainda a carecer de um trabalho mais aturado, permite construir uma primeira imagem da distribuição e diversidade dos recipientes com estes tratamentos de superfície ao longo da diacronia (Cf. Fig. 9).

A utilização de aguadas vermelhas e principalmente de engobe é mais frequente nas

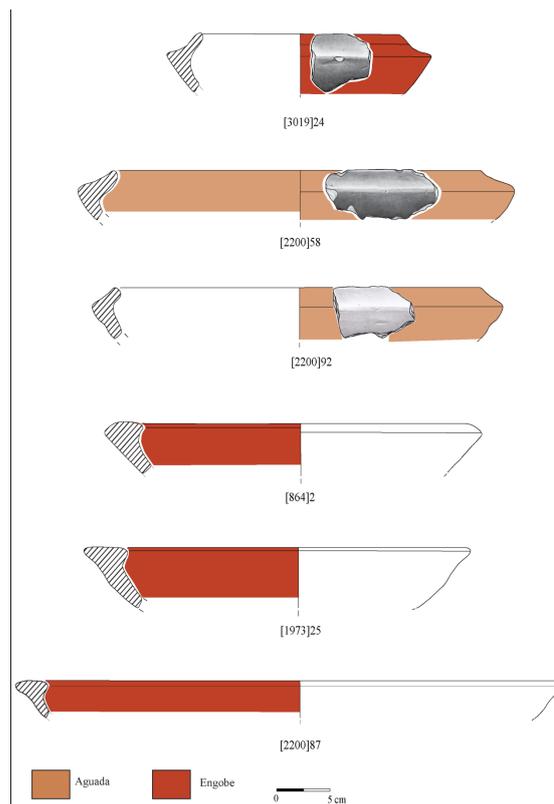


Fig. 6 - Recipientes carenados com as superfícies revestidas com aguada vermelha. [2200]58 e [2200]92: pratos de bordo espessado com as superfícies internas revestidas com engobe vermelho.

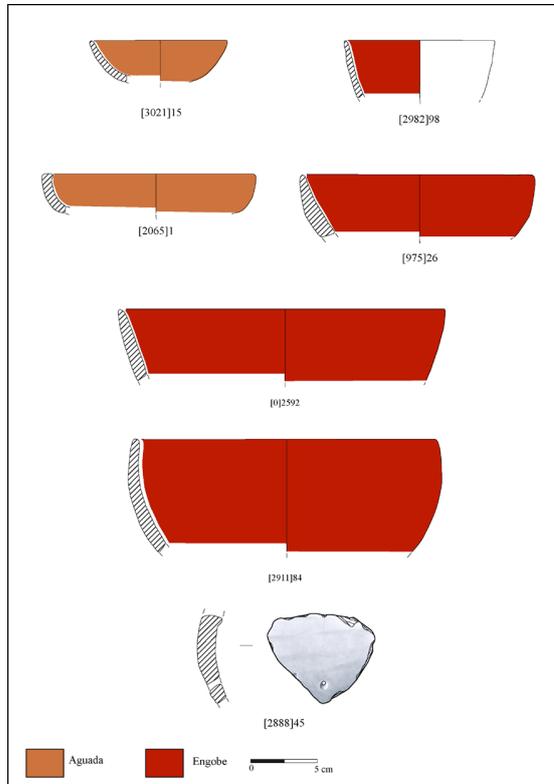


Fig. 7 - Recipientes de tipo taça com as superfícies internas e/ou externas revestidas com aguada ou engobe vermelho. Os recipientes [3021]15 e [2982]98 apresentam "paredes finas". O fragmento de bojo [2888]45 apresenta uma perfuração, e as superfícies internas e externas revestidas com engobe vermelho.

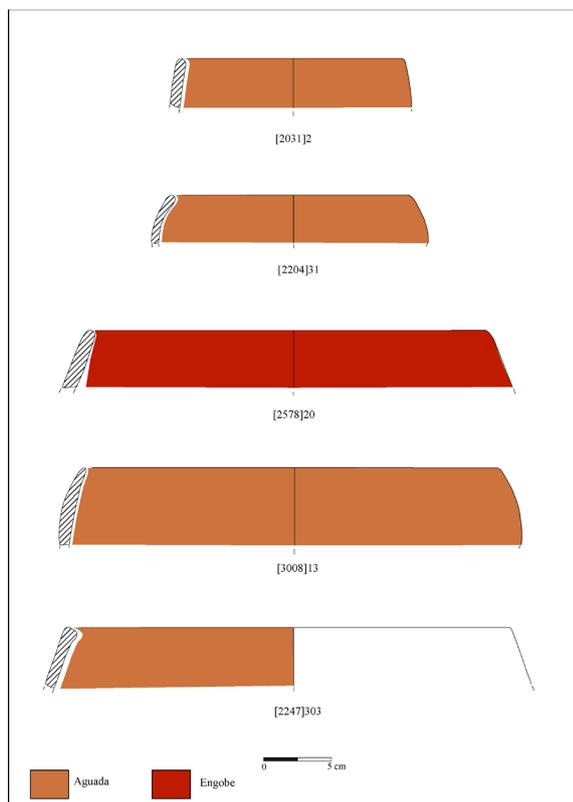


Fig. 8 - Recipientes de tipo vaso com as superfícies internas e/ou externas revestidas com aguada ou engobe vermelho.

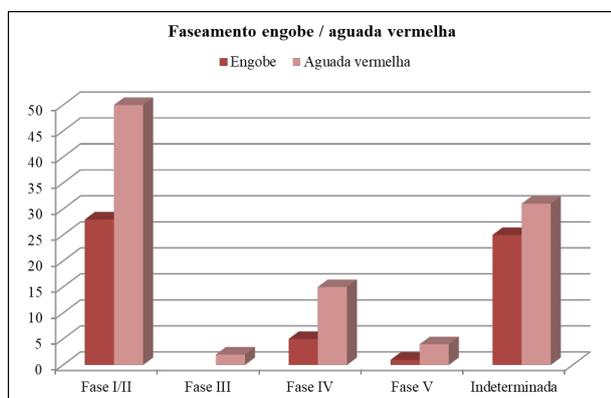


Fig. 9 - Faseamento dos recipientes cerâmicos com as superfícies revestidas com aguada / engobe vermelho.

fases de ocupação I/II, reduzindo-se substancialmente a partir da fase IV e tornando-se vestigial na fase V. Nestas fases mais recentes, o polimento das superfícies e as colorações mais escuras ganham um maior destaque. Cremos que a presença desta coloração, particularmente da aplicação dos engobes vermelhos, assume contornos cronológicos claros, constituindo um indicador importante de uma faseamento antigo dentro do 3º milénio a.n.e, correspondendo a um

período que genericamente se poderá designar de Calcolítico inicial.

A aplicação de aguadas e engobes e o polimento das superfícies dos recipientes pode ter, a par do seu significado técnico e funcional, uma interpretação estética, associando-se por vezes a elementos decorativos concretos, potenciando ou diminuindo a sua visibilidade. A coloração do recipiente enquanto característica visual atractiva poderá contribuir para transformar os seus sentidos funcionais, simbólicos e identitários (Bernabeu Aubán, Molina Balaguer e García Borja, 2007-2008).

#### A Cor Vermelha no Sudoeste Peninsular no final do 4º e no 3º Milénio a.n.e.

O destaque da tonalidade vermelha dos recipientes deve inserir-se em tradições culturais ancestrais, certamente presentes no Neolítico regional, e relacionar-se com outras manifestações culturais documentadas no Ocidente Peninsular.

Como se afirmou inicialmente, a cor e a sua designação nasce em muitos locais pela sua associação a determinados objectos, materiais ou entidades (Warburton, 2014), pelo que o Encarnado ou Vermelho é reconhecidamente uma cor com forte conotação cultural, frequentemente de sentido transregional (Cooper, 2013 [1978]: 40; Darvill, 2013) sendo usual a sua associação ao Sol, ao Fogo e à Força, aos deuses da Guerra, à Fertilidade e à Vida, como de certo modo não podia deixar de ser pela sua conexão ao sangue. Esta relação talvez esteja na base do seu uso em pinturas rupestres como símbolo da renovação da Vida. Assim sendo cremos que também durante a Pré-História a utilização da cor vermelha em diferentes

manifestações artísticas (pinturas rupestres em gruta, ar livre e em contextos dolménicos, bem como a decoração de vários tipos de artefactos e do vestuário e corpo dos próprios indivíduos na vida e na morte) deverá ter tido uma forte conotação cultural, eventualmente ritual ou religiosa.

Se no território alentejano a pintura rupestre pré-histórica tem pouca expressão, com excepção dos contrafortes quartzíticos da serra de São Mamede, onde se conhece um número razoável de ocorrências (Oliveira e Oliveira, 2015), já no vizinho território estremenho encontram-se bastante bem representadas (Collado Giraldo e García Arranz, 2005). Nesta área, a cor vermelha domina por completo os conjuntos pictóricos, sendo pontualmente acompanhada por branco e negro (Collado Giraldo e García Arranz, 2005: 55). No Abrigo Pinho Monteiro, com um dos painéis melhor estudados na região de Arronches/Esperança, na extremidade Poente da grande mancha de arte rupestre das serranias quartzíticas estremenhas, efectuou-se uma pequena sondagem nos inícios da década de 80 na qual se documentou a presença de cerâmica com almagre, constituindo um dos raros casos em que é conhecida a sua associação a pinturas, sendo equacionada a sua presença como resultados de oferendas à divindade (Gomes, 1989: 235).

Nos contextos sepulcrais do Ocidente Peninsular de tipo dolménico está igualmente bem documentada a presença de pintura sobre os esteios, nos quais domina a cor vermelha, acompanhada por vezes de branco e preto, (Bueno-Ramirez, Balbín-Behrmann e Barroso Bermejo, 2012: 146), especialmente em monumentos do Centro e Norte de Portugal, como Antelas ou Orca dos Juncais (Cardoso, 2002: 239). Ainda que menos bem conhecida em

território alentejano, eventualmente devido a condições de preservação, a pintura no interior dos monumentos megalíticos encontrava-se igualmente presente, e talvez com uma intensidade que hoje apenas se pode suspeitar a partir das intervenções de Manuel Heleno, que a espaços nos informa das mesmas nos seus cadernos de campo, como acontece na Anta 2 dos Outeirões, em Estremoz, onde se menciona a presença de pinturas no esteio de cabeceira e

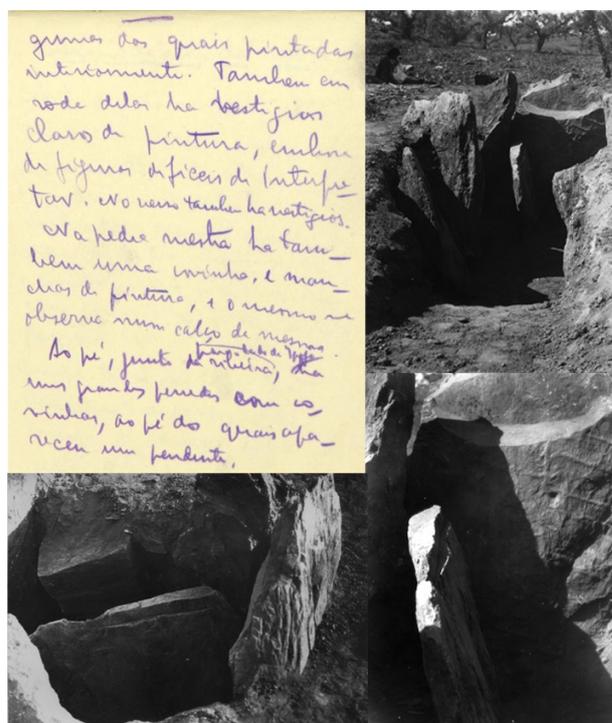


Fig. 10 - Anta 2ª dos Outeirões (Estremoz), onde se documentaram pinturas vermelhas, tal como menciona Manuel Heleno no seu Caderno de Campo (1934). Fotos do Arquivo Manuel Heleno (MNA).

numa laje de divisão interna gravada com covinhas com vestígios de pintura (Heleno, 1934: 5) (Cf. Fig. 10). É provável que o caso mais emblemático, ainda que muito mal conhecido, seja a Anta Grande do Zambujeiro, na qual se identificou um esteio integralmente pintado, para além de múltiplas gravuras e pinturas pelo exterior (Bueno-Ramirez e Balbín-Behrmann, 1997: 154). Todavia, e a provar como esta relação está ainda longe de ser simples e linear, não deixa de ser relevante verificar que, na Gruta do

Escoural, apesar dos rituais de ocre/cinábrio serem conhecidos ou as cerâmicas almagradas estarem bem documentadas no conjunto (Araújo e Lejeune, 1995: 61), não foram identificadas quaisquer pinturas claramente atribuíveis a este período. Estará a presença do dito Santuário exterior relacionada com este facto? A questão permanece em aberto, no entanto, as presenças paleolíticas poderiam estar bem mais visíveis do que actualmente, e terem sido, elas mesmas, objecto de releitura e reintegração, transferindo-se para o espaço exterior, aberto e público, o sentido sagrado e exclusivo reservado aos mortos. Na realidade, cremos no sentido maioritariamente aberto e público da arte rupestre do período neolítico, atendendo à sua presença em destacadas penedias e abrigos visíveis à distância, mesmo que as pinturas o não fossem. Assim, terá sido neste mesmo sentido que se terá desenvolvido o santuário exterior do Escoural (Gomes, *et al.*, 1994), que pode até ter conhecido a presença de pintura, de que não nos chegaram ainda vestígios.

O uso de pigmentos vermelhos, como o ocre e o cinábrio, nos rituais funerários do 4º milénio a.n.e do território alentejano, documentado há muito em contextos megalíticos (Leisner e Leisner, 1951: 71-84; Dias *et al.*, 2011; Rocha *et al.*, 2015), tem vindo a ser reconhecido com bastante frequência a cobrir enterramentos em hipogeus escavados no Baixo Alentejo (Melo e Silva, 2016; Valera, 2013b, 102; Valera *et al.*, 2017). Por outro lado, este uso poderá estar a indiciar a coloração do corpo e a elaboração de tatuagens associada a rituais específicos, de que a presença de elevados índices de mercúrio nos ossos, disseminado *ante-mortem*, pode ser um claro indicador (Emslie *et alii*, 2015: 5).

A presença da designada cerâmica almagrada, ainda que cada vez melhor documentada em

contextos do Neolítico Antigo do Ocidente peninsular, veja-se os casos indubitáveis, porque associados a decoração impressa e incisa, da Galeria da Cisterna da Gruta do Almonda (Carvalho, 2011: 249), Cerradinho do Ginete (Carvalho, 2011: 242) ou Carrascal (Cardoso, 2015: 162), apenas tardiamente parece entrar nos conjuntos funerários do 4º milénio a.n.e., sendo claramente antecedida pela presença do ocre/cinábrio a cobrir os corpos, como fica patente em enterramentos como os documentados na Quinta da Abóbada (Valera *et al.*, 2017: 17) onde no parco espólio não se documenta cerâmica e que foi datado do segundo terço do 4º milénio a.n.e. A este, outros poderão aduzir-se, de cronologia eventualmente similar ou algo posterior, dada a semelhança dos espólios caso de Vale de Barrancas (Fernandes, 2013), Monte Malheiro (Melo e Silva, 2016) ou Sobreira de Cima (Dias e Mirão, 2013) onde os rituais de pigmento vermelho em contexto funerário estão bem atestados, e nalguns casos datados, da segunda metade do 4º milénio a.n.e., sempre sem qualquer cerâmica. Neste aspecto, a necrópole neolítica da Gruta do Escoural, apesar da ausência de pinturas desta cronologia, apresenta clara evidência de rituais de pigmento vermelho, quer sobre os enterramentos, quer pela presença de cerâmica lisa almagrada (Araújo e Lejeune 1995: 61), acompanhando a tradição atestada no contexto megalítico em monumentos com arquitecturas e conjuntos artefactuais mais evoluídos, enquadrados provavelmente no último terço do 4º milénio a.n.e, de que o caso da Anta 1 do Poço da Gateira constitui um exemplo maior (Leisner e Leisner, 1951: 212), mas que conseguimos rastrear, como bem assinalou o casal Leisner, em monumentos de Reguengos com arquitecturas e espólios mais complexos (Leisner e Leisner, 1951: 73). A título meramente indicativo deixamos a menção de termos

documentado a presença de engobe vermelho também em dois vasos da Anta Grande do Zambujeiro (Cf. Fig. 11), onde a mesma cor foi utilizada na decoração dos esteios (Bueno-Ramirez e Balbín-Behrmann, 1997; Soares e Silva, 2010). Efectivamente, esta cronologia mais avançada dentro do 4º milénio a.n.e. parece coincidir com a maior expressão dos engobes vermelhos em recipientes cerâmicos recolhidos em sítios de cariz habitacional no Sudoeste peninsular. Ainda que a tradição tão tipicamente andaluza da cerâmica almagrada possa ser algo anterior (Rivero Galán, 1985: 456), certo é que apenas em contextos tardios do 4º milénio a.n.e. mais a Ocidente parece ganhar uma efectiva expressividade. Neste caso, Papa Uvas é o exemplo melhor documentado, apresentando uma evolução clara, onde se constata o pico de presenças na fase mais antiga de ocupação, em particular na Fase IA onde atinge mais de 17% do total cerâmico sendo quase exclusiva na decoração cerâmica, para se apresentar com presenças bem mais modestas em fases subsequentes, mantendo-se como a decoração mais representada na Fase II, para depois perder a exclusividade na fase seguinte e quase desaparecer na mais recente (Martín de la Cruz, 1986: 295-300). É igualmente interessante verificar que, também aqui, e na fase mais antiga, dominam as formas lisas e fechadas, acompanhando por completo a realidade conhecida em contexto funerário, e afastando-se do que será a realidade posterior, que cremos ser representada pela maioria da cerâmica de engobe vermelho de São Pedro, onde as formas abertas dominam, tendência já intuída por G. e V. Leisner, quando assinalam que o prato de bordo espessado com engobe vermelho da Anta Grande do Monte Novo, semelhante a outro do sepulcro III de Alcalar, deve ser de “época posterior” (Leisner e Leisner, 1951: 77).

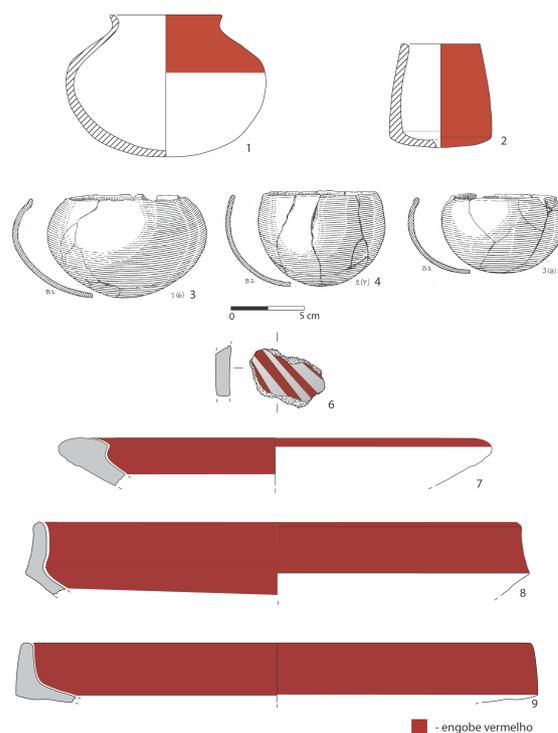


Fig. 11 - Cerâmicas com engobe vermelho de contextos funerários e habitacionais do Alentejo. [1] e [2] Anta Grande do Zambujeiro; [3]-[5] Cerâmicas com engobe vermelho da Anta 1 do Poço da Gateira (seg. Leisner e Leisner, 1951); [6] Cerâmica com faixas pintadas de vermelho do Paraíso (Elvas); [7] a [9] Cerâmica com engobe vermelho do povoado do Paraíso (Elvas).

Consideramos relevante assinalar que esta alteração na forma dos recipientes parece acompanhar a sua passagem de contextos funerários para contextos habitacionais, onde se manterão sempre com presença bastante reduzida. Este facto pode estar a indicar-nos uma alteração do contexto ritual de manipulação das mesmas, primeiramente a utilização de recipientes fechados como contentores de oferendas funerárias, eventualmente líquidos ou alimentos, posteriormente, em contexto habitacional, a presença de amplas formas abertas, eventualmente destinadas a actos ou gestos de apresentação e consumo, em contextos rituais e públicos.

Consideramos que falta ainda efectuar uma análise mais alargada destas presenças em contextos habitacionais e avaliar a sua efectiva relevância e diacronia. Em trabalho recente A. Valera assinala a presença de cerâmica almagrada

na Fase I, a mais antiga dos Perdígões (Valera, 2018: 84), sem que se assinale a sua existência nos finais do 4º milénio a.n.e, apesar de ser usual, mesmo que em quantidades reduzidas, em contextos cronológicos e culturais semelhantes na região, caso de Juromenha I, Malhada das Mimosas ou Paraíso (Cf. Fig. 11), onde surge no preenchimento dos fossos neolíticos (Calado *et al.*, 2004; Mataloto e Costeira, 2008; Mataloto *et al.*, 2012: 59; Mataloto *et al.*, 2018). Todavia, cremos ser Santa Engrácia, próximo a Badajoz, o caso com maiores semelhanças com o conjunto analisado em São Pedro, ao assinalar-se a elevada frequência de cerâmica almagrada associada a um momento inicial do Calcolítico, onde se considera um dos elementos característicos deste período (Celestino Pérez, 1989: 317). Esta tendência é igualmente verificada em Famão, Aboboreira (Arnaud, 1971), El Lobo (Molina Lemos, 1980; Hurtado, 1989) ou La Pijotilla (Hurtado e Amores, 1982), em cronologia genericamente semelhante, sendo também um elemento muito característico dos contextos do Sudeste peninsular, como Los Millares (Almagro Basch e Arribas, 1963), Los Castillejos de Montefrío (Arribas e Molina, 1975: 393; Rivero Galán, 1985: 456; Acosta, 1986) ou Terrera Ventura (Gusi, 1975; Rivero Galán, 1985).

A modo de epílogo, consideramos que a cerâmica com aguada/engobe vermelho deverá ser enquadrada num contexto mais global de valorização simbólica da cor vermelha, fazendo assim parte de uma longa tradição, que se apresenta nos finais do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e. com uma expressão tendencialmente pública e comunitária, denunciada pelo uso de grandes recipientes abertos passíveis de ser reconhecidos, apesar da baixa intensidade (eventual reforço do prestígio simbólico e social destas peças), em muitas das ocupações deste

período no Sudoeste peninsular, mas igualmente em alguns contextos funerários, como os mencionados sepulcros do Monte Novo e Alcalar III (Leisner e Leisner, 1951: 77).

Por fim, e para reforçar a relevância da coloração vermelha dos recipientes cerâmicos, seria de grande importância analisar os pigmentos utilizados para criar estes revestimentos, de modo a conhecer as suas características químicas, proveniência e técnicas de aplicação. Com efeito, a identificação da utilização de cinábrio em vários contextos simbólicos e funerários do Sul peninsular (Candelera *et al.*, 2013: 289; Dias *et al.*, 2011; Rocha *et al.*, 2015; Valera *et al.*, 2017) e a sua associação a outros elementos exóticos tem permitido valorizar o prestígio social e simbólico dos pigmentos. Um dos exemplos mais ilustrativos desta valorização



Fig. 12 - Níveis superior e inferior da Estrutura 10042/10049 de PP4-Montellirio (Sevilha), com a presença de pratos de bordo espessado cobertos por pigmento vermelho de cinábrio (adapt. Candelera, *et al.*, 2013: 281).

simbólica e ideológica do pigmento vermelho consiste no enterramento do nível inferior da 2ª câmara da estrutura 10042-10049 de PP4 Montellírio, em Valencina de la Concepción (Candelera *et al.*, 2013), em que se identifica um grande prato de bordo almendrado coberto com cinábrio, associado a um rico espólio exótico (uma presa de elefante, 23 lâminas de sílex, um punhal com pomo de âmbar e múltiplos objectos de marfim decorados), claramente integrável no 3º milénio a.n.e. (Cf. Fig. 12).

## BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, Pilar (1986). El Neolítico en Andalucía occidental: estado actual. *Homenaje a Luis Siret*. Sevilla, pp. 136-151.
- ALMAGRO BASCH, Martín; ARRIBAS, António (1963). *El poblado de la necrópolis megalítica de Los Millares*. Madrid: Biblioteca Praehistorica Hispana (vol. III).
- ARAÚJO, Ana Cristina; LEJEUNE, Marylise (1995). *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: Trabalhos de Arqueologia.
- ARNAUD, José (1971). Os povoados neo-eneolíticos de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa), notícia preliminar. In *II Congresso Nacional de Arqueologia II (1970) – Actas do II Congresso*, vol. I Coimbra: Junta Nacional de Educação, pp. 199-221.
- ARRIBAS, António; MOLINA, Fernando (1975). El poblado de los Castillejos en las Peñas de los Gitanos (Montefrío, Granada). Resultados de las campañas de 1971 e 1974. *Actas do XIV Congreso Nacional de Arqueología*. Vitoria, pp. 389-406.
- BERNABÉU AUBÁN, Joan; MOLINA BALAGUER, Lluís; GARCÍA BORJA, Pablo (2007-2008). El color en las producciones cerámicas del Neolítico Antiguo. *VELEIA*, 24-25, pp. 655-667.
- BUENO-RAMIREZ, Primitiva; BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo (1997). Arte megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de Granja de Toniñuelo (Badajoz). III Congreso Internacional de Arte megalítico. *Brigantium*, 10, pp. 91-121.
- BUENO-RAMIREZ, Primitiva; BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo (1997). Ambiente funerario en la sociedad megalítica ibérica: arte megalítico peninsular. In A. Rodríguez Casal (ed.) *O Neolítico atlántico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela, pp. 693-718.
- BUENO-RAMIREZ, Primitiva; BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo (1997). Arte megalítico en el Suroeste de la Península Ibérica: ¿Grupos en el Arte Megalítico ibérico? Homenaje a la Prof. Dra. Mila Gil - Mascarell. *Saguntum*, PLAV 30, pp. 153-161.
- BUENO-RAMIREZ, Primitiva; BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2012). La frontera ideológica: graffias postglaciares ibéricas. In M. J. Sanches (coord.) *Iª Mesa-Redonda Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*. Trabalhos de Arqueologia, vol. 54, pp. 139-160.
- CALADO, Manuel (2001). *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-história regional*. Trabalhos de Arqueologia, 19. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui; ROCHA, Artur (2004). *O povoamento pré-histórico da margem direita do rego do Alqueva*. Policopiado.
- CANDELERA, Miguel; HERRERA, Liz; MILLER, Ana; GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; MOLINA, Coronada; WHEATLEY, David; Justo, Ángel; SAIZ-JIMENÉNEZ, Cesareo (2013). Allochthonous red pigments used in burial practices at the Cooper Age site of Valencina de la Concepción (Sevilla, Spain): characterisation and social dimension. *Journal of Archaeological Science*, 40, pp. 279-290.
- CARDOSO, João Luís (2002). *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARDOSO, João Luís (2015). A estação do Neolítico Antiguo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal). In V. S. Gonçalves; M. Diniz; A. C. Sousa (Eds.) *5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa, pp. 159-168.
- CARVALHO, António Faustino (2011). Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal. In J. Bernabéu Aubán; M. Rojo Guerra; L. Molina balaguer *Las primeras producciones cerámicas: el VI milenio cal aC en la Península Ibérica*. SAGVNTVM, extra-12, pp. 237-250.
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián (1989). El poblado calcolítico de Santa Engracia. *Revista de Estudios Extremeños* (Badajoz), 45(2), pp. 281-325
- COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio (2005). Corpus de Arte Rupestre en Extremadura. *Arte Rupestre en el Parque Natural de Monfragüe: el Sector Oriental*. Vol. I.
- COOPER, Jean (2013 [1978]). *An Illustrated Encyclopaedia of Traditional Symbols*. Thames & Hudson.

COSTEIRA, Catarina (2010). *Os componentes de tear do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3.º milénio a.n.e.* (2 vol.). Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

COSTEIRA, Catarina (2012). Placas e crescentes - Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de São Pedro (Redondo, 3.º milénio a.n.e.). *Arqueologia e História*, 62-63, pp. 23-37.

COSTEIRA, Catarina (2015). As colheres em cerâmica do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). In N. Medina Rosales (ed.) *Actas del VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Aroche/Serpa, pp. 361-375.

COSTEIRA, Catarina (2017a). *No 3.º milénio a.n.e., o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Médio*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

COSTEIRA, Catarina (2017b). Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo). In J. Arnaud; A. Martins (eds.) *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa.

COSTEIRA, Catarina; LUÍS, Elsa (2016). Elementos Funcionais ou decorativos? Cordões, mamilos, pegas e asas no 3.º milénio a.n.e., o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Médio. In I. Coelho; J. Torres; L. Gil; T. Ramos (coord.) *Entre ciência e cultura: Da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia*. *Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, Vol. I - Recipientes Cerâmicos no 3.º milénio/inícios dos 2.º milénio). Lisboa: CHAM-FCSH/UNL-UAÇ - IEM-FCSH/UNL.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2013). Os componentes de tear do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). In J. Jiménez Ávila; M. Bustamente; M. García Cabezas (eds.) *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros, pp. 625-667.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui; ROQUE, Conceição (2013). Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4.º/3.º Milénio a.n.e. dos povoados de São Pedro. (Redondo). In J. Artaud; A.

Martins; C. Neves (eds.) *A Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 397-406

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2016). Gestos do simbólico, I: “ídolos”, idolíformes, figuras e representações do “sagrado”(?) nos povoados dos IV/ III milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, pp. 63-86.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2018a). Loom weights and weaving in the archaeological site of São Pedro (Redondo, Portugal). In M. Siennicka; L. Rahmstorf; A. Ulanowska (eds.) *First Textiles: The Beginnings of Textile Production in Europe and the Mediterranean*. Oxbow Books, 32.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2018b). Ídolos e idolíformes cerâmicos dos povoados do 4.º/3.º milénio a.n.e. de São Pedro (Redondo) - contributo para o estudo de uma ritualidade fugidia. *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. (24 a 26 de Outubro de 2014).

DARVILL, Timothy (2013). Fifty shades of red: the basic colour category red in the monuments and material culture of Neolithic and Bronze Age communities in Atlantic Northwest Europe. *Tagungen des Landesmuseums fur Vogeschichte Halle*. Band, 10.

DAVIS, Simon; MATALOTO, Rui (2012). Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15, pp. 47-85.

DIAS, Luís; OLIVEIRA, Jorge; ROCHA, Leonor; ROSADO, Lúcia; DIAS, Cristina; FERREIRA, Teresa.; CANDEIAS, António; MIRÃO, José (2011). Sobre a presença de Cinábrio em rituais funerários no Megalitismo do Alentejo, Portugal. *Poster ao IX Congresso Ibérico de Arqueometria*. Lisboa.

DIAS, Cristina; MIRÃO, José (2013). Identificação de pigmentos vermelhos recolhidos no hipogeu da Sobreira de Cima por microscopia de raman e microscopia electrónica de varrimento acoplada com espectroscopia de dispersão de energias raios-X (MEV-EDX). In A. C. Valera (coord.) *Sobreira de Cima necrópole de hipogeus do Neolítico* (Vidigueira, Beja). Lisboa.

- EMSLIE, Steven; BRASSO, Rebecka; PATTERSON, William; VALERA, António Carlos; MCKENZIE, Ashley; SILVA, Ana Maria; GLEASON, James; BLUM, Joel (2015). Chronic Mercury exposure in late Neolithic/Calcolithic populations in Portugal from the cultural use of cinnabar. *Scientific Reports*, pp. 1-9.
- FERNANDES, Pedros (2013). *Os hipogeus de Vale de Barrancas 1 (Beringel, Beja). Práticas funerárias e análise, antropológica dos restos humanos exumados*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- GAUSS, Roland (2008). *Zambujal und das frühe Kupfer: Untersuchungen zur Bedeutung des Metalls in der frühen Kupferzeit Portugals*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia da Eberhard Karls Universität Tübingen.
- GAJIĆ-KVAŠČEV, Maja; STOJANOVIĆ, Milica; ŠMIT, Ziga; KANTERELLOU, Vasiliki; KARYDAS, Andreas; ŠLJIVAR, Dušan; MILOVANOVIĆ, Dragan; ANDRIĆ, Velibor (2012). New evidence for the use of cinnabar as a colouring pigment in the Vinča culture. *Journal of Archaeological Science*, 39, pp. 1025-1033.
- GAYDARSKA, Bissierka; CHAPMAN, John (2008). The Aesthetics of Colour and Brilliance - or Why Were Prehistoric Persons Interested in Rocks, Minerals, Clays and Pigments? In R. Kostov; B. Gaydarska; M. Gurova (eds.) *Geoarchaeology and Archaeomineralogy. Proceedings of the International Conference*. 29 - 30 October, 2008. Sofia, pp. 63-66.
- GOMES, Mário Varela (1989). Arte rupestre e contexto arqueológico. Almawnsor/Montemor-o-Novo: Câmara Municipal, pp. 225-269.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, R. V.; SANTOS, Manuel Farinha (1994). O santuário exterior do Escoural - sector SE (Montemor-o-Novo, Évora). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 93-108.
- GUSI, Francesc (1975). La aldea eneolítica de Terrera Ventura. Tabernas, Almería. *XII Congreso Nacional de Arqueología*, Tomo I (Huelva, 1973). Zaragoza, pp. 311-314.
- Heleno, Manuel (1934). *Caderno de campo n.º 3: Antas dos arredores de Estremoz* [Manuscrito]. Setembro de 1934. Disponível no Museu Nacional de Arqueologia, Arquivo Pessoal de Manuel Heleno, pp. 3-9.
- HURTADO, Víctor (1989). El yacimiento de El Trastejon (Zufre, Huelva). Estudio de materiales. Informe de la campaña 1989. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 2, pp. 370-376.
- HURTADO, Víctor; AMORES, Fernando (1982). *Relaciones culturales entre el Sudeste francés y La Pijotilla (Badajoz) en el Calcolítico: las pastillas repujadas y el campaniforme cordado*. Sevilla: Habis, pp. 189-210.
- KOHRING, Sheila (2012). Scalar perspective to social complexity: Complex relations and complex questions. In T. L. Kienlin & A. Zimmermann (eds.) *Beyond Elites: Alternatives to Hierarchical Systems in Modelling Social Formations*, vol. 215 (Universitätsforschungen zur Prähistorischen Archäologie.) Bonn: Ruhr-Universität, pp. 327-337.
- KOHRING, Sheila (2013). Conceptual knowledge as technologically materialized: A case study of pottery production, consumption and community practice. In M. Sorensen; M. Rebay-Salisbury (eds.) *Embodied Knowledge: Historical Perspectives on Belief and Technology*. Oxford: Oxbow Books, pp. 106-116.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951). *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. 2.ª edição. Reprodução do original de 1951. Lisboa: UNIARCH.
- MARTIN DE LA CRUZ, José (1986). *Papa Uvas II. Aljaraque, Huelva. Campañas de 1981 a 1983. Excavaciones Arqueológicas de España*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- MATALOTO, Rui (2010). O 4.º/3.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In V. S. Gonçalves; A. C. Sousa (2010) *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 263-296.
- MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2009). Entre vivos e mortos nos 4.º e 3.º milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12 (2), pp. 31-77.

MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina (2008). O povoado Calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11 (2), pp. 5-26.

MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; DAVIS, Simon; CLEMENTE, Rui; SANTOS, Ivo (2012). Os povoados de fossos do Paraíso: uma ocupação do IV/III milénios a.C. na região de Elvas. Balanço das intervenções 2009-2010. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar.

MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; ROQUE, Conceição (2015). Torres, cabanas e memória - A fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, pp. 81-100.

MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina (2016). Gestos do simbólico II – recipientes fragmentados em conexão do 4.º/3.º milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo). In A. C. Sousa; A. Carvalho; C. Viegas (eds.) *Terra e água, escolher as sementes, invocar a Deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*. Estudos e Memória, 9. Lisboa, pp. 189-208.

MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; NUKUSHINA, Diana (2017). Local shop for local people - Resources management along the 3<sup>rd</sup> millennium BC at São Pedro settlements (Redondo, Portugal). In – M. Bartelheim; P. Bueno; M. Kunst (eds.) *Key Resources and Socio-cultural Developments in the Iberian Chalcolithic* (Conference 9-10 April 2015). Universidad de Alcalá de Henares/Instituto Arqueológico Alemão de Madrid.).

MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2007). As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In E. Cerrillo; J. Valadés (ed.) *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo*. *Actas de las Jornadas de Arqueología del Museu de Cáceres*, 1. Cáceres: Memorias del Museo de Cáceres 6, pp. 113-141.

MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2009). Die kupferzeitlichen Befestigungen von São Pedro (Redondo), Alentejo, Portugal. *Madridider Mitteilungen Wiesbaden*, 50, pp. 3-39.

MATALOTO, Rui; GAUSS, Roland (no prelo). Construtores e metalurgistas: faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Extremadura, Südportugal und Südwestspanien: Vom Fertigprodukt zur Lagerstätte*. *Arbeitstagung Alqueva-Staudamm*, 27 bis 30 (Oktober 2005). Série Iberia Archaeologica. DAI: Abteilung.

MATALOTO, Rui; NUKUSHINA, Diana; COSTEIRA, Catarina (2017a). Broken Arrow: As pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). In J. Arnaud; A. Martins (eds.) *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

MATALOTO, Rui; PEREIRO, Tiago; CALADO, Manuel; ROQUE, Conceição; COSTA, Cláudia; ANDRÉ, Lino; PEREIRA, André (2018). O Neolítico de Juromenha 1 (Alandroal, Alentejo Central) – Vinte anos depois. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21.

MELO, Linda Elisabete Mendes; SILVA, Ana Maria (2016). Os hipogeus 1 e 2 do sítio do Monte Malheiro 2 (Selmes, Vidigueira, Beja, Portugal) do Neolítico final/Calcolítico: práticas funerárias e estudo antropológico dos restos ósseos humanos exumados. *Estudos do Quaternário* (APEQ), 15, pp. 91-98.

MOLINA LEMOS, Lucio (1980). El Poblado del Bronce I de El Lobo. *Noticiario Arqueológico Hispanico*, 9, pp. 93-127.

MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui (2004). *Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa: Ministério da Cultura/IPPAP.

NUKUSHINA, Diana; MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; IGREJA, Marina (2018). Foliáceos ovóides e grandes pontas bifaciais nos povoados de São Pedro (Redondo). *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (24 a 26 de Outubro de 2014).

ODRIOZOLA, Carlos; MATALOTO, Rui; MORENO-GARCIA, Jesús; VILLALOBOS-GARCÍA, Rodrigo; MARTÍNEZ BLANES, José (2012). Producción y circulación de rocas verdes y sus productos en el SW peninsular: el caso de Anta Grande do Zambujeiro. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 19, pp. 125-142.

- OLIVEIRA, Jorge; OLIVEIRA, Clara (2015). A arte rupestre esquemática pintada no contexto megalítico da Serra de São Mamede. In V. S. Gonçalves; M. Diniz; A. C. Sousa (eds.) *5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa, pp. 547-557.
- RIVERO GALÁN, Encarnación(1985). La cerámica a la almagra en Andalucía: ensayo tipológico. *Habis*, 16 (Sevilha), pp. 453-480.
- ROCHA, Leonor; OLIVEIRA, Jorge; DIAS, Cristina; MIRÃO, José; DIAS, Luís; MANHITA, Ana (2015). Sobre a presença de materiais exóticos em alguns monumentos funerários alentajanos: os casos do cinábrio e do âmbar. In *Tráfego de objetos – tráfego tecnológico: sintomas das ideologias dominantes na Ibéria. 2ª Mesa Redonda Peninsular*. Tomar: Centro de Pré-história do Instituto Politécnico de Tomar, pp. 45-49.
- SÁNCHEZ ROMERO, Margarita; ARANDA JIMÉNEZ, Gonzalo (2008). Changing food ways: new strategies in food preparation, serving and consumption in the Bronze Age of the Iberian Peninsula. In S. Montón Subías; M. Sánchez Romero (eds.) *Engendering social dynamics: the archaeology of maintenance activities*. BAR International Series, 1862. Oxford: Archeopress, pp. 75-86.
- SOARES, António Monge; RIBEIRO, Maria Isabel; OLIVEIRA, Maria José; BAPTISTA, Lídia; ESTEVES, Lília; VALÉRIO, Pedro (2018). Têxteis arqueológicos pré-históricos do território português: identificação, análise e datação. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21, pp. 71-82.
- SOARES, Joaquina (2013). *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal – O povoado do Porto das Carretas*. Memórias d’Odiana 2.ª série, pp. 488-500.
- SOARES, Joaquina, SILVA, Carlos Tavares (2010). Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. *Intervenção arqueológica do MAEDS*, 1985-87. *MUSA, museus, arqueologia e outros patrimónios* (Setúbal), 3, pp. 83-129.
- VALERA, António Carlos (2013a). *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana, 2.ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Memórias d’Odiana, 2.ª série. Estudos Arqueológicos do Alqueva.
- VALERA, António Carlos (2013b). *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Era Monográfica (I).
- VALERA, António Carlos (2018). *Os Perdígões neolíticos. Gênese e desenvolvimento (de meados do 4fl aos inícios do 3º milénio a. C.)*. Lisboa: Perdígões Monográfica.
- VALERA, António Carlos; FERNANDES, Marco; SIMÃO, Patrícia; LOURENÇO, Marina (2017). Os hipogeus da Pré-História recente da Quinta da Abóbada (Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, vol. 12, pp. 15-22.
- VALÉRIO, Pedro; VIDIGAL, Rosa; ARAÚJO, Maria Fátima; SOARES, António Monge; SILVA, R.; MATALOTO, Rui (2016). The manufacture of copper weapons and tools from the Chalcolithic settlement of São Pedro (Portugal). *Materials and manufacturing Processes*, 31:12.
- VIDIGAL, Rosa; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria Fátima; SOARES, António Monge; SILVA, R.; MATALOTO, Rui (2016). Micro-EDXRF study of Chalcolithic copper based artefacts from Southern Portugal. *X-Ray Spectrom*, 45, p.63-68.
- WARBURTON, David (2014). Ancient Color Categories. In *Encyclopedia of Color Science and Technology*. New York: Springer, pp. 217-225.